

## A PESQUISA ETNOGRÁFICA NO CONTEXTO INDÍGENA APINAJÉ

Severina Alves de ALMEIDA (Sissi)<sup>1</sup>  
 Francisco Edviges ALBUQUERQUE<sup>2</sup>  
 Rosineide Magalhães de SOUSA<sup>3</sup>  
 Ângela Maria SILVA<sup>4</sup>  
 Renato dos Reis FERREIRA<sup>5</sup>

### Resumo

Este artigo delinea os trâmites metodológicos na condução de um trabalho que vem se realizando nas aldeias indígenas Apinajé “São José e Mariazinha”. Os Apinajé são um povo indígena integrante do Tronco Macro-Jê, pertencem à Família Linguística Jê e habitam nas terras Apinajé situadas no extremo norte do estado do Tocantins, numa zona de transição entre o Cerrado e a Amazônia, na região do Bico do Papagaio. O objetivo da pesquisa é estudar, conhecer e analisar o processo de formação dos professores de alfabetização intercultural e bilíngue das escolas indígenas Apinajé “*Matyk e Tekator*”, com ênfase no Professor de Língua Materna. Através de uma proposta metodológica Transdisciplinar, acionamos os pressupostos que tratam das pesquisas qualitativa, etnográfica e participante, tanto no contexto da antropologia social quanto da etnografia educacional. Discorremos sobre a pesquisa etnográfica, suas fases, procedimentos e técnicas, elegendo a observação participante como um dos procedimentos vitais da etnografia no contexto escolar Apinajé. Nessa mesma direção, agrupamos a entrevista semidirigida enquanto técnica que promove a interação e a microanálise etnográfica como aporte facilitador no momento da análise e interpretação dos dados, na realidade específica da Sociedade Indígena Apinajé.

**Palavras Chave:** Apinajé; Pesquisa Qualitativa; Pesquisa Etnográfica; Contexto Escolar Apinajé.

## THE ETHNOGRAPHIC RESEARCH IN THE INDIGENOUS CONTEXT APINAJÉ

### ABSTRACT

This paper outlines the methodological procedures in conducting a work that is taking place in the indigenous villages Apinajé "São José e Mariazinha." The Apinaje are an indigenous member of the Tronco Macro-Je, belong to the Family and Linguistics Jê Apinajé inhabit the lands situated in the far northern state of Tocantins, in a transition area between Cerrado and Amazonia in the region of the “Bico do Papagaio”. The goal is to study, understand and analyze the process of training teachers of literacy and intercultural bilingual indigenous schools Apinajé "Mätyk and Tekator" with emphasis on the teacher of language. Through a methodology Interdisciplinary we put assumptions dealing with qualitative research, ethnographic and participatory, both in the context of social anthropology as the ethnography of education. We discuss the ethnographic research, stages, procedures and techniques, choosing the participant observation as one of the vital procedures of ethnography in the school context Apinajé. In this direction,

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestranda do MELL – Mestrado em Língua e Literatura do PPGL – Programa de Pós Graduação em Letras da UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína e bolsista do Programa do “Observatório de Educação Escolar Indígena” CAPES/UFT. e-mail: [sissi@uft.edu.br](mailto:sissi@uft.edu.br).

<sup>2</sup> Professor Adjunto da UFT - Universidade Federal do Tocantins – Campus de Araguaína e orientador da pesquisa. e-mail: [fedviges@uol.com.br](mailto:fedviges@uol.com.br).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística; Professora Adjunta da Faculdade da UnB de Planaltina FUP. Coordenadora do grupo de estudos CNPq SOLEDUC. E-mail: [rosimaga@uol.com.br](mailto:rosimaga@uol.com.br).

<sup>4</sup> Mestre em Educação; Pedagoga; Bacharel em Odontologia; Diretora geral da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. E-mail: [angela\\_ortoface@hotmail.com](mailto:angela_ortoface@hotmail.com).

<sup>5</sup> Coordenador e Professor do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistema da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. e-mail: [ads@faculadefacit.edu.br](mailto:ads@faculadefacit.edu.br).

we grouped the semistructured interview as a technique that promotes interaction and ethnographic microanalysis as a support facilitator at the time of analysis and interpretation of data, the specific reality of the Indigenous Society Apinajé.

**Keywords:** Apinajé, Qualitative Research, Ethnographic Research, School Context Apinajé.

## Introdução

A década de 1990 veio consolidar os dispositivos da Constituição Federal (CRFB/88) quando foi promulgado um Decreto Lei que delegou ao MEC - Ministério da Educação - a execução de políticas públicas voltadas para a educação escolar indígena em substituição à FUNAI, órgão responsável pelo setor até então no País, delegando sua organização aos Estados e Municípios, a qual passa a figurar nos documentos educacionais posteriores: LDB - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (1996); PDE - Plano Nacional de Educação (1998) e no RCNEI - Referencial Nacional para as Escolas Indígenas (2002).

Nesse sentido, e considerando a importância de se estudar a educação escolar no contexto Apinajé, bem como a necessidade de compreender a ação e as práticas pedagógicas de professores bilíngues das escolas *Mãtyk e Tekator* das aldeias São José e Mariazinha, em consonância com o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar que auxilie no processo educativo intercultural, idealizamos a pesquisa que originou este artigo, o qual tem por

objetivo descrever as bases teóricas metodológicas que norteiam sua execução.

O texto está estruturado da seguinte forma: primeiro fazemos uma apresentação dos passos metodológicos, identificando seu teor numa concepção Transdisciplinar. Em seguida fazemos uma análise teórica da pesquisa etnográfica e da observação participante, sendo estas associadas à pesquisa qualitativa enquanto excelência da investigação científica sobre a educação Apinajé. Outro tópico trata dos fundamentos da etnografia aplicada à educação, bem como suas fases de execução, com destaque para as entrevistas, a redação, a interpretação e a análise dos dados, quando elegemos a microanálise etnográfica como procedimento. Para concluir, tecemos algumas considerações retomando o que foi discutido no texto.

### 1- Uma proposta Metodológica Transdisciplinar

A Transdisciplinaridade, segundo Nicolescu (2008:53), diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina, sendo seu objeto de estudo a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do


conhecimento. Nessa perspectiva situamos nossa proposta metodológica numa concepção transdisciplinar, apresentando as bases teóricas de: Kuhn (1992); Laplantine (2005); Laburthe-Toira e Warnier (1997); Brandão (1982); Filho e Gamboa (2009); (Cardoso, 2009); Bogdan e Biklen (1994); Zpeleta e Rockwell (1989); Gatti (2001); Michelat (1980); Geertz, (1989); Ferreira (1997); Oliveira (2000); André (1995; 2004); Fonseca (1998); Viégas (2007); Mattos (2001); que tratam das pesquisas qualitativa, etnográfica e participante, tanto no contexto da antropologia social quanto da etnografia educacional.

Priorizamos os procedimentos da etnografia e da observação participante porque estas ciências apresentam aspectos que possibilitam investigar um fenômeno dentro de seu contexto escolar Apinajé, observando-o, mas não interferindo diretamente. Não obstante, estes tipos de pesquisa apresentam um forte cunho descritivo, no qual o pesquisador não pretende intervir sobre a situação detectada, mas conhecê-la, tal como ela surge, podendo utilizar vários instrumentos e estratégias metodológicas. Entretanto, tais procedimentos não precisam ser meramente descritivos. Antes, podem ter um alcance analítico profundo, podendo interrogar a situação, confrontando-a com outras já conhecidas e/ou com as teorias existentes. Pode também contribuir para novas teorias e

novas questões para futuras investigações numa realidade específica.

As características ou princípios associados à etnografia e à observação participante superpõem-se às características gerais da pesquisa qualitativa e, segundo Cardoso (2009), tais procedimentos são um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale lembrar, no entanto, que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio da observação participante e da etnografia aplicados ao método qualitativo, o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa. Daí o caráter Transdisciplinar deste trabalho.

Em relação ao corpus investigado, este recai sobre os professores indígenas Apinajé e suas práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas Escolas *Mãtyk* e *Tekator* das aldeias Apinajé São José e Mariazinha, e contempla:

 **Estudos Teóricos:** Este procedimento, utilizado com bastante propriedade, se caracteriza por revisão bibliográfica

voltada para os autores destinados às pesquisas etnográficas e à educação escolar indígena de base específica, bilíngue e intercultural, e se dá durante todo o período da pesquisa, de forma que subsidie as demais etapas da investigação. A ênfase maior está nas produções etnográficas da Educação Indígena; da Educação Bilíngue e Intercultural; da sociedade Apinajé; e da formação do professor indígena que atua nas escolas de suas aldeias, bem como dos documentos legais e normativos que tratam da educação diferenciada para os povos indígenas.

✚ **Pesquisa Documental:** Tal procedimento se faz necessário uma vez que, para entendermos o universo do professor indígena alfabetizador bilíngue e intercultural, precisamos mapear historicamente o contexto em que o mesmo está inserido, ou seja, a escola na qual leciona; levantando dados que registrem e investiguem a trajetória da instituição e dos professores que por lá passaram e também dos que lá atuam, estendendo-se, também, aos indicadores relativos ao fluxo de alunos, considerando que a categoria tempo pode elucidar questionamentos importantes.

✚ **Pesquisa Etnográfica:** Esta consiste em nossa inserção no ambiente da pesquisa, nas aldeias e em suas escolas, observando os atores educacionais (diretores, coordenadores, professores, alunos, etc.) em suas atividades cotidianas na sala de aula e também fora dela. Isso porque consideramos o ambiente externo e seu entorno parte importante para a edificação de uma educação intercultural, e está sendo sistematizada por um diário de campo com transcrições, anotações, gravações, fotografias e filmagens.

✚ **Pesquisa de campo:** Esta, que se configura, também, como a parte empírica, realiza-se de forma exploratória, ocorrendo por meio de um roteiro básico de entrevistas com questionários aplicados às escolas, englobando: diretores, coordenadores, professores e alunos indígenas. Quanto aos professores indígenas, investigamos sua trajetória, nomeadamente em relação ao bilinguismo. Dessa forma, os dados coletados e as informações obtidas durante a pesquisa, os quais se encontram em fase de sistematização, posteriormente serão analisados e descritos à luz da pesquisa qualitativa, utilizando a microanálise etnográfica.

Além destes aspectos, consultamos a Diretoria Regional de Ensino de Tocantinópolis – DRET, no que tange ao monitoramento e avaliação das escolas por esta entidade responsável e representativa no Estado que abarca em sua jurisdição as escolas pesquisadas; bem como representações indígenas local, considerando a cultura e o processo de contato desse povo com a sociedade envolvente. Tais procedimentos e suas análises estão sendo realizados com rigor, visto que as conclusões serão sistematizadas em relatórios qualificados, além de um descritor analítico das informações levantadas com os resultados obtidos.

## **2 - Etnografia e Observação Participante: A Pesquisa Qualitativa enquanto excelência da Investigação Científica no Contexto Escolar Apinajé**

A etnografia, pesquisa qualitativa por excelência, e sua aplicabilidade em educação, tem sido considerada como uma lógica de investigação por se tratar de teoria orientadora e método investigativo da cultura de determinadas comunidades sociais, sobretudo comunidades escolares (Green, Dixon e Zaharlic, *Apud* Fonseca, 1998). A etnografia, como método de pesquisa originária da antropologia, poderia ser vista como estritamente descritiva. Entretanto, o método de pesquisa concebido hoje propõe resultados interpretativos, de caráter crítico, que lhe confere uma intencionalidade distinta de sua

interpretação puramente etimológica. “A etnografia tem por vocação, de origem, dar palavra aos humildes, àqueles que, por definição, nunca têm a palavra: tribos isoladas em campo exótico, povos colonizados, classes dominadas ou grupos em vias de extinção nas sociedades desenvolvidas”, (Beaud e Webe, *Apud* Fonseca, 1998:3), ou seja, a etnografia pode ser vista como metodologia característica de uma ciência calcada no concreto e arquétipo do “qualitativo”, com ênfase no cotidiano e no subjetivo, o que favorece sua utilidade na educação.

Para Mattos (2001), etnografia significa escrever sobre um tipo particular – um etn(o) ou uma sociedade em particular – como é o caso dos Apinajé envolvidos nesta pesquisa. Todavia, antes de pesquisadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade eles descreviam outros povos por eles desconhecidos. A etnografia é, portanto, uma atividade da Antropologia que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, educação, cultura e manifestações materiais de suas atividades. É a forma de descrição da cultura material de um determinado povo, realizada geralmente por meio de informantes cuidadosamente selecionados.

Geertz (1989:15) adverte que praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter

um diário; o que a define é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". Para esse autor, a maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm e de como eles agem. Esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente. O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categorial cultural.

## 2.1 - Os Fundamentos da Etnografia

Segundo Zpeleta e Rockwell (1989), a etnografia vem à tona no final do século XIX e início do século XX e tem sua origem na abordagem qualitativa em pesquisa. Para os autores, sua aplicabilidade na educação se justifica pela constatação de que os métodos de investigação próprios das ciências naturais não serviam ao estudo dos fenômenos humanos e sociais. Surge, então, o interesse pelo desenvolvimento de metodologias mais adequadas ao entendimento do complexo e dinâmico fenômeno humano, considerado não como uma relação de causa/efeito, mas, sobretudo, como relação que enseja a atividade interpretativa dos contextos nos quais se concretizam. Para Laplantine (2005)

as origens da etnografia estão nas investigações antropológicas realizadas no início do século XX, período em que os pesquisadores começaram a se fazer presentes no campo de investigação.

Com efeito, a pesquisa qualitativa, tal qual esta etnografia que impetramos junto aos Apinajé é, segundo Filho e Gamboa (2009), aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade e, ao invés de dados estatísticos, regras e outras generalizações, trabalha com descrições, comparações e interpretações. A pesquisa qualitativa é mais participativa e, portanto, os pesquisadores podem direcionar o rumo da averiguação em suas interações com o objeto pesquisado. O trabalho adquire um caráter de parceria e a interação sujeito/objeto assume aspecto primordial, favorecendo o diálogo necessário para o exercício da alteridade, edificado nos fundamentos da observação participante.

No tocante aos fundamentos da pesquisa etnográfica aplicados à educação encontramos em André (2004) a base teórica que pode ser aplicada ao contexto Apinajé. Isso porque, segundo essa autora, deve-se estar atento para o fato de que o etnógrafo se ocupa da descrição da cultura de grupos sociais, e quando ele se volta para o campo educacional, se detém sobre um processo onde é possível identificar diferenças entre essas duas áreas – a educação e a etnografia - razão

pela qual, certos requisitos da etnografia não precisam ser necessariamente cumpridos pelos investigadores das questões educacionais.

Em se tratando das pesquisas de abordagem qualitativa Gatti (2001:73) entende que estas, aplicadas no campo da educação, podem materializar-se por meio do uso de variados métodos e técnicas, sendo a pesquisa etnográfica, metodologicamente, um dos caminhos possíveis. Sendo assim, as alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, etc.

Não obstante, devemos estar atentos, sobretudo, à escolha metodológica, momento em que o pesquisador deve ter definido o paradigma (Kuhn 1992) sobre o qual construirá sua investigação. Para André (2004:23) “um estudo etnográfico, por exemplo, pode seguir uma linha funcional-estruturalista ou pode situar-se nos diferentes matizes da fenomenologia ou ainda pode vincular-se à teoria crítica ou ao materialismo histórico”. Em nosso caso, o paradigma fenomenológico está presente, pois de acordo com Taylor & Bogdan (*apud*, Filho e Gamboa 2009:39), na fenomenologia a realidade é socialmente construída por meio de definições individuais ou coletivas da situação; concebe

o homem enquanto objeto e ator; enfatiza a centralidade do significado, considerando-o como produto da interação social; entende a verdade como relativa e subjetiva e aceita a teoria do conflito. É, portanto, nessa dialética que concebemos nossa pesquisa.

### 2.3 – Etnografia e Educação

Não obstante os primeiros registros etnográficos terem surgido no período que compõe as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX, (Zpeleta e Rockwell, 1989), é só na década de 1970 que os pesquisadores em educação começam a se interessar pela aplicabilidade da etnografia na dinâmica que compõe o trabalho do professor na sala de aula. Para André (2004:36), tais estudos são realizados a partir de fundamentos da psicologia comportamental, apresentando-se mesmo como “análises de interação” e, nesse caso, objetivavam estudar as interações da/na sala de aula, bem como treinar professores ou medir a eficiência de programas de treinamento.

Essa mesma autora cita Stubbs e Delamont que publicaram em 1976 a obra “Explorations in classroom observation”<sup>6</sup> (*Apud*, André, 2004:36), anunciando os pressupostos da etnografia, identificando as interações da sala de aula como um locus de cultura específica que deve ser apreendido por meio de densas observações, (Geertz, 1989),

<sup>6</sup> Observação e exploração na sala de aula – tradução nossa.

impetrado por meio de entrevistas e análises documentais da escola. Tal procedimento foi incorporado à dinâmica investigativa nas escolas *Mãtyk* e *Tekator* das aldeias Apinajé São José e Mariazinha, quando assumimos, nesta perspectiva, o objetivo de descrever a cena que é observada, ao mesmo tempo em que buscamos revelar suas múltiplas e variadas significações, além da realização de uma análise dos documentos das escolas.

Com efeito, a partir da década de 1980, no âmbito da metodologia do tipo etnográfica, se intensificam os estudos sobre as atividades de observação dentro da sala de aula, nomeadamente em relação à interação e à intersubjetividade. No entanto, nos anos que compõem a década de 1990, se percebe um movimento que converge para uma produção “regular e consistente”, anunciando a possibilidade de se “fazer um balanço crítico dessa produção e identificar não só suas contribuições, mas também seus principais problemas” (ANDRÉ, 2004:40).

Nesse sentido, é possível identificar alguns pressupostos que caracterizam o fazer etnográfico na educação e que se aplica ao contexto das escolas Apinajé ora estudadas. Para tanto, recorremos a André (2004), que estabelece conjecturas importantes acerca dos estudos da etnografia que tem como objeto o complexo educacional. Essa autora elenca um grupo de características relacionadas à

etnografia aplicada à educação, identificando seu teor etnográfico desde que:

- ✚ Faz-se uso de técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, tais como: observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos;
- ✚ O pesquisador estabelece uma relação de diálogo e interação com o objeto pesquisado, afetando-o e, por ele, deixando-se afetar;
- ✚ O pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados.
- ✚ A ênfase do estudo encontra-se, não em seus possíveis resultados, mas no processo, no continuum que se estabelece durante a investigação;
- ✚ Há uma evidente preocupação com o significado atribuído pelos sujeitos a si próprios e às suas experiências no contexto em que estão inseridos;
- ✚ Desenvolve-se por meio de uma pesquisa de campo e assume um caráter descritivo e indutivo;
- ✚ Busca-se formular hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a testagem.

Todas estas peculiaridades que caracterizam o fazer etnográfico e sua aplicabilidade na sala de aula podem ser identificadas na ação investigativa que ora desenvolvemos junto à sociedade indígena Apinajé e suas escolas. Isso se evidencia nas atividades já concluídas e/ou em andamento, uma vez que os procedimentos estão em



consonância com a proposta de André, desde que utilizamos os seguintes procedimentos:

- ✚ Realizamos uma investigação a partir de pesquisa documental, com entrevistas sistematizadas e observação participante;
- ✚ Conduzimos as atividades a partir de uma postura dialógica, dando vez e voz aos nossos interlocutores, sensíveis às suas carências, construindo um trabalho pautado em solidariedade e afeto, cientes que estamos do papel que assumimos ao interagir enquanto corpo estranho em sua realidade;
- ✚ Projetamos nossas expectativas na condução do processo investigativo, em detrimento dos resultados a serem alcançados;
- ✚ Por se tratar de uma realidade específica do universo indígena, a ênfase recai sobre os sujeitos e suas significações, considerando a tênue fronteira das intencionalidades presentes com mais veemência na fronteira étnica;
- ✚ A pesquisa é eminentemente um trabalho de campo, e os resultados serão sistematizados através de documentos analítico-descritivos;
- ✚ Dá-se especial atenção às abstrações, formulações de hipóteses e teorias, sempre atentos às subjetividades que permeiam as relações entre sociedades de diferentes culturas.

## **2.4 – Identificando as Fases de Desenvolvimento da Etnografia no Contexto Escolar Apinajé**

A investigação que se realiza nas escolas das aldeias indígenas Apinajé São José e Mariazinha é, conforme já enunciado, uma etnografia. Sua execução pauta-se no modelo da observação participante e se caracteriza especificamente pela presença do pesquisador no campo. Assim sendo, e de acordo com as bases teóricas de Cardoso (2009), a pesquisa etnográfica que realizamos compreende várias fases visando à coleta dos dados para a efetivação do trabalho. Entretanto, no estágio em que a pesquisa se encontra, estamos conscientes de que a interação entre o pesquisador e o objeto deve acontecer de forma consensual, para que as singularidades da sociedade que está sendo estudada sejam preservadas.

### **2.4.1 – O Contexto Escolar Apinajé: O Universo da Pesquisa**

As bases metodológicas expostas neste artigo têm o contexto Apinajé como objeto do estudo, sendo que a educação escolar é o foco da pesquisa. Nesse sentido é importante conhecermos um pouco desse grupo indígena, pois segundo Albuquerque (2007), para que tenhamos sucesso num trabalho que vise a contribuir para a prática de um modelo educativo que reflita as necessidades e anseios da sociedade Apinajé, é imperativo o conhecimento das comunidades que estão

sendo estudadas, em nosso caso, as aldeias São José e Mariazinha. Para Albuquerque (Ibid. p. 45) este conhecimento é de fundamental importância, já que ele fornece subsídios para se conhecer as atuais situações dessas comunidades, uma vez que as sociedades são dinâmicas ao mesmo tempo em que estabelece diferentes níveis e tipos de contato entre indígenas e não-indígenas, resultando na integração entre estas duas sociedades.

Ainda de acordo com Albuquerque (2007:22), o primeiro contato entre os Apinajé e os não-índios aconteceu em 1774 quando Antônio Luiz Tavares empreendeu uma viagem de Goiás ao Pará, pelo Rio Tocantins, sendo que na Cachoeira das Três Barras viu-se rodeado por um grande número de índios que disparavam flechas. Para esse autor, nesse primeiro contato com os não-índios os Apinajé já possuíam embarcações próprias, estando familiarizados com as navegações dos Rios Araguaia e Tocantins, atestando a autonomia desse povo, o que favorecia sua empreitada frente aos colonizadores. Nimuendaju (1983:3) (*Apud*, Albuquerque, 2007:22) relata que os Apinajé eram a única tribo Timbira a fabricar tais embarcações e que, provavelmente, aprenderam a arte de navegar dos Xambioá-Karajá, sendo que, mais tarde, com a colonização desses grandes Rios, os Apinajé teriam recuado para as matas ciliares, abandonando a navegação.

No que concerne à integração dos Apinajé com a sociedade envolvente, Albuquerque (2007:8) informa que esses povos “começaram a ser integrados à história do Brasil com a ocupação do sertão nordestino e com a intensificação da navegação do rio Tocantins”, de sorte que “a ocupação do sertão do Maranhão, da Bahia e do Piauí é consequência da criação extensiva de gado que, no período Colonial, servia para alimentar as populações dos engenhos litorâneos” (ibidem, p. 8), sendo que esse gado avançou pelos sertões até chegar ao sertão goiano, atual Tocantins, na região onde se achavam os índios.

Com efeito, os indígenas Apinajé contemplados com a pesquisa habitam as aldeias São José e Mariazinha, considerada por suas lideranças como as mais importantes, o que contribuiu para que essas duas comunidades fossem escolhidas, num total de 19 aldeias, para nosso objeto de estudo. A aldeia São José é uma das mais antigas, pois Nimuendajú (1983) já a mencionava em seus relatos, só que com o nome “Bacaba”. É, atualmente, uma das aldeias Apinajé que mais apresentam aspectos da tradição e cultura da Tribo, evidenciado na confecção de artesanato, bem como da pintura corporal, enquanto elementos significativos da identidade cultural dessa sociedade.

Segundo Albuquerque (2007) aldeia Mariazinha, fundada por Alexandre Apinajé,

diferentemente da São José não possui pátio, mas apenas uma casa denominada de Redondo, local onde são feitas as reuniões da comunidade. Notamos, assim, que esta se difere das demais aldeias indígenas pertencentes ao Tronco Macro-Jê<sup>7</sup> e os Apinajé são, segundo Da Matta (1976), integrantes do grupo Jê do Norte, sendo que uma das características desse grupo são aldeias circulares com uma praça no centro.

No tocante à educação indígena no Brasil, esta, segundo Mattos (1958) (*Apud*, Albuquerque, 2007), tem seu início em 1549, quando os Jesuítas iniciaram seu trabalho de catequese visando à conversão dos nativos ao cristianismo ou mesmo seu aliciamento para servir de mão de obra escrava para os colonizadores. Em relação à educação escolar para os Apinajé, seus indícios ocorrem na década de 1960, quando a norte americana Patrícia Ham realizou os primeiros trabalhos, produzindo os primeiros materiais didáticos e pedagógicos que até hoje servem como referência para novos trabalhos. Segundo Albuquerque (2007), Patrícia Ham, que era membro do SIL, introduziu a educação escolar entre os Apinajé nas aldeias de São José e Mariazinha, sendo que “naquela época, as políticas educacionais, voltadas para os Apinajé, não eram diferentes daquelas oferecidas aos demais grupos indígenas, que

eram compatíveis às práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas das comunidades rurais brasileiras” (IBIDEM, P. 83).

Ainda de acordo com Albuquerque (1999), ao longo dos anos de contato com a sociedade majoritária a educação escolar Apinajé transcorria de modo contrário aos anseios e interesses da comunidade. Todavia, nas últimas décadas ocorreram avanços importantes, sendo que atualmente a situação escolar desse povo pauta-se nos pressupostos da interculturalidade e a educação bilíngue é uma realidade, o que vem ao encontro do que determina a Constituição Federal do Brasil (CRFB/88) que no Cap. III Seção I, Art. 210, § 2º determina que “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurado às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Atendendo a este dispositivo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, nas suas Disposições Gerais dedica dois artigos à educação escolar indígena, e em seu artigo 78 diz que “o Sistema de Ensino da União desenvolva ações integradas de ensino e pesquisa para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas”.

Com efeito, nas escolas *Mãtyk* e *Tekator* os professores dos anos iniciais do ensino fundamental utilizam um material de apoio pedagógico bilíngue Apinajé/Português,

<sup>7</sup> Os Apinajé são, segundo Albuquerque (2007), pertencentes ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê.

elaborado por eles mesmos, sob coordenação do Prof. Francisco Edviges Albuquerque da UFT – Universidade Federal do Tocantins - contemplando: Matemática e Ciências Apinajé, História e Geografia Apinajé, Livro de Narrativas e Cantigas Apinajé, Revista de Medicina Tradicional Apinajé e um Livro de Alfabetização, trazendo conteúdos muito bem contextualizados, com ilustrações dos próprios professores e também de pessoas da comunidade.

Nessa perspectiva, a etnografia que ora fazemos nas escolas indígenas Apinajé se realiza por meio da observação participante, favorecendo a interação nas relações intergrupo (pesquisadora e indígenas), e se desenvolve em fases bem distintas, por meio de técnicas e procedimentos, os quais que passamos a descrever a seguir.

#### 2.4.2 – 1ª Fase: A Escolha do Tema e do Campo

Segundo Cardoso (2009), a escolha do tema é um momento crucial, capaz de interferir em todo o trabalho posterior. “Para alguns, será um momento de perplexidade e de inquietação. Em qualquer caso é imperativo assegurar-se de que seu tema de pesquisa possa ser abordado no contexto de uma pesquisa de campo”, sustentam Beaud e Weber (*Apud*, Cardoso 2009:5). Nesse sentido, a escolha do tema aqui trabalhado assume relevância desde que o estudo da

educação bilíngue e intercultural é um direito dos povos indígenas contemplado por instrumentos jurídicos nacionais e internacionais, além de ser um tipo de pesquisa essencialmente de campo, pressuposto indispensável para a investigação do tipo etnográfica aplicada à educação. Além disso, as aldeias São José e Mariazinha, escolhidas para a pesquisa, são as mais importantes e populosas, principalmente em relação às suas escolas, desde que estas mantêm sob sua coordenação as escolas de outras 12 aldeias Apinajé, funcionando mesmo como escolas-sede.

Não obstante, a escolha se deu também em função de termos um histórico de estudo nesta sociedade, pois entre agosto de 2008 e julho de 2009, realizamos uma pesquisa de iniciação científica<sup>8</sup> que estudou a Educação Infantil das escolas *Mãtyk* e *Tankak* das aldeias São José e Bonito, numa concepção antropológica, a qual foi sistematizada em forma de uma monografia para a conclusão do curso de pedagogia. Assim sendo, não passamos pelo “momento de perplexidade e de inquietação” apontado por *Beaud* e *Weber* e citado por Cardoso. Contudo, o fato de situarmos nossa pesquisa numa comunidade indígena, e trabalharmos pautados nos pressupostos da etnografia, com certeza teve no contexto da pesquisa de campo um aspecto

<sup>8</sup> Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica CNPQ/UFT “Educação, Cultura, Infância e Ludicidade: Um estudo da Cultura Apinajé”, desenvolvido entre agosto de 2008 e julho de 2009.

primordial, e fomos favorecidos por já conhecermos este campo, e sermos íntimos de alguns professores, líderes e habitantes das aldeias, facilitando as demais etapas da investigação.

#### **2.4.3 – 2ª fase: Preparar a Pesquisa: O Trabalho de Documentação Prévia**

Após a elaboração do projeto<sup>9</sup>, passamos a sistematizar todo o processo relativo à documentação prévia. Nesse momento fomos beneficiados pela inclusão de nosso projeto num projeto maior<sup>10</sup>, e dessa forma toda burocracia que envolve a inserção de um pesquisador numa aldeia indígena já havia sido realizada, principalmente em relação à FUNAI – Fundação Nacional do Índio, à SEDUC – Secretaria da Educação - e a lideranças da sociedade Apinajé.

Passamos então a nos preparar para irmos a campo e o primeiro procedimento foi idealizar um “diário de campo”. Segundo Beaud e Weber (*Apud*, Cardoso, 2009:65), “o diário de campo é a principal ferramenta do etnógrafo”, sendo mesmo um elemento de vital necessidade. “É um diário de bordo, onde dia após dia o pesquisador anota os eventos e o processo de coleta de seus dados O diário do

etnógrafo se origina a partir de suas preferências e escolhas e não existe um ‘modelo’ de diário de campo e nem um tipo ideal de registro” (Ibidem, p. 9). Entretanto, há aquele modelo escolhido pelo pesquisador a partir de sua forma de redigir suas experiências e sua forma de perceber o fenômeno estudado. É, portanto, uma escolha pessoal.

No tocante às técnicas de pesquisa empregadas na pesquisa do tipo etnográfica, identificamos aqueles que oferecem ao pesquisador possibilidades de explorar o campo a partir dos sujeitos e das situações que surgem ao decorrer da investigação. De forma recorrente, em nossa pesquisa são utilizadas observação participante e entrevistas semidirigidas.

#### **2.4.4 - 3ª fase: Observação Participante - Múltiplos Olhares**

A observação participante é uma fase da pesquisa etnográfica que se caracteriza por permitir ao pesquisador um contato pessoal – face a face – com o fenômeno pesquisado, mediante uma descrição detalhada da perspectiva dos sujeitos, o que pressupõe uma estadia “longa” em campo. Nesse sentido, “é interessante atentar para situações cotidianas que rompem com o cotidiano, as quais irão orientar o delineamento metodológico (VIÉGAS, 2007:112).

<sup>9</sup> Projeto de Pesquisa do Mestrado: “Interculturalidade e Educação Escolar Apinajé: uma experiência bilíngue nas escolas das aldeias São José e Mariazinha”, a partir do qual será escrita a nossa Dissertação.

<sup>10</sup> “Projeto de Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural do Programa do Observatório de Educação Indígena/CAPES”, sob coordenação de nosso orientador Prof. Dr. Francisco Edvigés Albuquerque.

Segundo Brandão (1982), a pesquisa participante é um importante instrumento de trabalho na construção do conhecimento desde que tem como objetivo compreender uma realidade. Para ele, o pressuposto é simples, pois todo ser humano é em si mesmo e por si mesmo uma fonte original e insubstituível de saber. Neste sentido, ela oferece um repertório de experiências destinadas a superar a oposição sujeito/objeto, pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido no interior dos processos de produção coletiva do saber, visando, geralmente, a ações transformadoras.

Sendo assim, a pesquisa do tipo etnográfica exige que se recorra aos procedimentos da observação participante e é isso que fazemos em nosso trabalho. Para sistematizar o evento damos prioridade à ida e permanência nas aldeias, nos fixando em suas escolas e fazendo contato com seu entorno. Por seu teor descritivo, esse tipo de investigação requer um cuidado maior no que diz respeito à contemplação dos atores envolvidos, dos lugares que se frequenta, das atividades corriqueiras, isto é, de todos que interagem no seu interior. Isso porque, se estamos diante de uma realidade bem peculiar, e se esta mesma realidade se reproduz mediante uma estrutura social onde prevalecem valores intrínsecos à sua sociedade, precisamos estar atentos aos seus costumes, ritos e cerimoniais para, a partir daí,

estabelecermos o diálogo necessário para a efetivação da investigação.

Segundo Beaud e Weber (*Apud*, CARDOSO 2009:7) os eventos públicos, os ritos e/ou cerimônias, funcionam como uma espécie de “abre-te-sésamo” para o trabalho do pesquisador no campo – momento em que ele poderá fazer contatos e observar postos. Para esses autores, observar interações sociais sobre as quais os sujeitos estão postos é a estratégia de recolha de dados do etnógrafo por excelência, desde que a observação continua sendo a principal ferramenta da etnografia, sua melhor estratégia. Por isso, se justifica a necessidade de se observar constantemente também o entorno, desvelando o cotidiano dos sujeitos investigados por meio de um olhar atento.

Este olhar atento tem sido uma constante na etnografia que realizamos com a sociedade Apinajé. Segundo Da Matta (1976:68) (*Apud*, Albuquerque (2007:37) “falar em sociedade Apinajé, implica para esses indígenas tomar a aldeia como ponto de referência e, posteriormente, fazer oposições entre grupos sociais e categorias, utilizando um eixo diametral ou eixo concêntrico”, sendo que a ordem social é, pois, obtida pelas oposições e o dinamismo do sistema é dado pela passagem de uma a outra dimensão antitética. Para Albuquerque, “falar sobre o grupo social Apinajé é de certa forma, estabelecer tais divisões e revelar o

significado das passagens de um domínio a outro domínio do sistema” (Ibidem, p. 37).

Com efeito, a etnografia aplicada ao contexto escolar Apinajé, enquanto base metodológica de nossa pesquisa está sistematizada através de um diário de campo com os relatos ampliados. Visando à eficácia das observações, estamos, dentro do possível, anotando tudo que observamos. No entanto nem tudo é possível anotar no momento em que está acontecendo. Segundo Viégas (2007), há determinadas situações em que é melhor abrir mão das anotações de campo e se dedicar integralmente à convivência com os participantes da pesquisa, mesmo que sejam momentos fundamentais à pesquisa. E é assim que agimos.

Não obstante, tão logo seja encerrado cada período de observação, “o diário de campo, bem como os momentos vivenciados nos quais se abre mão das anotações, devem ser transformados em relatos ampliados (recomenda-se que a distância temporal entre a observação e o relato ampliado não supere 48 horas)” (Ibidem, p. 113). Tais relatos, que tomam ao menos o triplo do tempo da observação para serem feitos, “englobam tanto aspectos descritivos quanto reflexivos e comentários pessoais, ou seja, o maior número de detalhes possível sobre as atividades e situações observadas, incluindo as sensações atribuídas ao vivido” (Viégas, 2007:113). Em nosso trabalho, como já dissemos, nem todos

os acontecimentos são registrados no ato. Isso porque, em muitas situações, para evitar constrangimentos, optamos por fazer as anotações quando estamos de volta ao alojamento.

#### 2.4.5 – Entrevista: Diálogo Entre Iguais

A entrevista é uma técnica utilizada como complemento na pesquisa etnográfica e está sendo um instrumento importante em nossa investigação. Para André (2000), em trabalhos etnográficos em instituições educativas geralmente são realizadas longas e sucessivas entrevistas com as pessoas que trabalham nestes locais a fim de perceber suas concepções, de sorte que este procedimento é bastante conhecido por parte dos pesquisadores. No caso da pesquisa etnográfica que ora realizamos a entrevista não se caracteriza por um esquema fixo, mas flexível, passível de transformações, onde nos tornamos um interlocutor, nutrindo-nos de uma relação dialógica, conforme Paulo Freire (1997) - entre iguais - desde que discorreremos sobre o tema a partir das próprias informações e interesses de nossos entrevistados.

Sobre a entrevista no fazer etnográfico, Cardoso (2009:8) entende que “este é o momento em que os participantes da pesquisa refletem acerca daquilo que foi ‘observado’ pelo pesquisador, deixando que ele se aproxime de suas significações”. Todavia, a

transcrição da entrevista simboliza a escuta em detalhe e “é mister considerar, na transcrição, não apenas as falas, mas também as hesitações, risos, silêncios, lapsos, interrupções, etc., muitas vezes reveladores de conteúdos” (VIÉGAS, 2007:114). Daí a importância do engajamento do pesquisador, sua entrega, sua incondicional interação e integração com ambiente pesquisado.

O tipo de entrevista que impetramos em nossa etnografia é a do tipo “semidirigida”. Para Viégas (2007), a entrevista, principalmente a semidirigida, desempenha papel primordial na construção da pesquisa etnográfica. Para Oliveira (2000), a entrevista semidirigida, principalmente a que é gravada, é vista como um momento em que se reflete acerca daquilo que foi observado pelo pesquisador, deixando que ele se aproxime das significações dos entrevistados. Partindo do pressuposto de que geralmente há assimetrias entre pesquisador e grupo pesquisado, Oliveira (2000:23) sugere “uma modalidade de relacionamento na qual o pesquisado não seja um informante da pesquisa, e sim um interlocutor com o pesquisador”, o que viria no sentido de tornar possível o verdadeiro encontro etnográfico numa relação de diálogo efetivo entre iguais. E é assim que procedemos na nossa pesquisa com os Apinajé e suas escolas.

Com efeito, na nossa interação com o corpo docente das escolas Apinajé *Mãtyk* e

*Tekator*, buscamos a primazia da qualidade do depoimento colhido, dando voz e vez a todos os envolvidos, deixando-os falar sem interferir ou, segundo Oliveira (2000), sabendo ouvir, isto é, estando aberto à compreensão do sentido do que foi observado junto aos participantes da pesquisa, bem como, quando for preciso, também ser ouvido. Com isso, tanto André (2004) quanto Oliveira (2000) acreditam existir uma relação de interação, na qual, a influência entre quem pergunta e quem responde é recíproca. “Na entrevista semidirigida não há imposição de perguntas; ao contrário, nela o depoente é convidado a discorrer sobre o tema a partir de suas próprias informações e interesses (VIÉGAS, 2007:113). Todavia, embora haja um esquema básico, este não é aplicado com rigidez. Antes, permite transformações.

## **2.5 – Redigir, Interpretar e Analisar os Dados**

Este procedimento da nossa pesquisa está em pleno desenvolvimento, uma vez que a investigação está em andamento. Por enquanto, estamos transcrevendo os dados levantados até então e a interpretação e a análise vem se dando paulatinamente. No entanto, redigir e interpretar dados de uma pesquisa etnográfica como esta que realizamos é, segundo *Beaud e Weber Apud, Cardoso* (2009:7) “o momento de retornar do campo e fazer um caminho do universo da



pesquisa pra o seu universo”. Para Cardoso, esta fase é identificada como propulsora de angústia, pois o pesquisador diante de seus inúmeros materiais coletados pergunta-se o que deve fazer. “E, consciente que os dados que possui lhe são familiares porque foram por ele colhidos, inicia a fase seguinte, onde a interpretação dos dados possibilitará a redação de um texto capaz de publicizar sua investigação” (CARDOSO, 2009: 8).

Segundo Laburthe-Toira e Warnier (1997:437), a apresentação dos resultados de uma pesquisa visa, em geral, à produção de novos conhecimentos, os quais devem ser apresentados na forma de relatórios de pesquisa, de tese, de publicação, de filmes, de exposições, de romance etnográfico, de diário, ou seja, sob a forma de um documento que também pode ser considerado como um texto. Para os autores, este documento é um “artefato” (Ibidem, p. 438), resultado de um trabalho de produção, de escrita no sentido amplo. Em nosso caso, além de artigos para publicações e relatórios qualificados, será elaborada uma Dissertação visando à obtenção do título de mestre.

Neste momento o pesquisador redige suas observações e origina um material não mais de investigação, mas de constatação, assinala Cardoso. Já Beaud e Weber (*Apud*, Cardoso, 2009:7) afirmam que neste ínterim, o pesquisador “está de posse de um quebra-cabeça, cujas peças (narrações de

observações, análises de entrevistas) são mais ou menos volumosas”. Resta ao pesquisador “associá-las elaborando um relatório de pesquisa, não deixando o campo desaparecer sob os conceitos, mas, pelo contrário, os conceitos devem iluminar o campo e fazer justiça aos casos singulares” (CARDOSO, 2009: 8).

Depreendemos da constatação da autora, que uma das peculiares contribuições da pesquisa etnográfica está no campo de pesquisa que dispõe e oferece o tema; o pesquisador insere-se neste *lócus* e empenha-se em tornar-se nativo daquele contexto. “Assim, as verdades para aqueles sujeitos poderão ser apreendidas e relatadas, podendo-se constituir não uma lei universal, mas uma generalização parcial onde o que importa não são as ações individuais, mas a forma de relação interpessoal construída” (IBIDEM, P. 9).

Mas, afinal, como fazer para analisar e interpretar os dados colhidos e recolhidos na árdua tarefa do etnógrafo em seu trabalho? Segundo Viégas (2007), devemos estar atentos a alguns aspectos. Primeiro: a análise do material construído a partir da pesquisa etnográfica é qualitativa e não se inicia apenas ao final do trabalho de campo. Segundo: esta análise acontece ao longo de toda a pesquisa, desde quando são realizadas a delimitação progressiva do foco, a formulação de questões analíticas, o uso de comentários e até mesmo

as leituras e o aprofundamento da pesquisa bibliográfica.

No tocante ao nosso trabalho com os Apinajé, desde o início da pesquisa este se reveste de um cunho analítico, uma vez que cada ação desenvolvida exige momentos de profunda reflexão, porém temos a certeza de que após ser concluída a fase de campo, esse processo se dará com mais intensidade, pois alguns dados levantados inicialmente são analisados e descritos, podendo surgir novas reflexões. Acreditamos ser este um momento em que se retomam os questionamentos que movimentaram a pesquisa, ao mesmo tempo em que o pesquisador se abre para novas perguntas, sendo acrescentadas novas informações e preenchendo lacunas que possivelmente foram identificadas.

Para Viégas (2007), diferentemente da análise que apenas classifica e/ou quantifica com base em categorias prévias, na análise etnográfica as categorias decorrem do próprio processo de investigação. O foco não está na confirmação e/ou refutação de hipóteses. Antes, estas são discutidas com base na inter-relação das muitas peculiaridades do campo. “Não se trata de montar um ‘quebra-cabeças’ cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes”, sustentam Bogdan e Biklen (1994:50). Para André (1995:45), “as categorias de análise não podem ser impostas

de fora para dentro, mas devem ser construídas ao longo do estudo, com base em um diálogo muito intenso com a teoria e em um transitar constante dessa para os dados e vice-versa”.

Michelat (1980:80) entende que neste momento o pesquisador precisa ler e reler todo material, de sorte que se sinta “impregnado” por seu conteúdo. Para esse autor, as leituras gradativas possibilitam a divisão do material em seus elementos componentes sem, contudo, perder de vista a relação desses elementos com todos os demais componentes do material coletado. Estes mesmos procedimentos são recomendados por Viégas (2007).

De acordo com as teorias de Viégas (Ibid.), as categorias de análise na pesquisa etnográfica são construídas a partir da própria pesquisa e sendo assim devem basear-se em aspectos recorrentes, mas que também podem se apresentar contraditórios, ausentes, complementares etc. “Além do sentido manifesto, também é considerado o sentido latente, que se refere não apenas ao contexto psicológico, mas também sociológico, político ou cultural” (Ibidem, p. 119). Para Michelat (1980:48). “É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”.

Todavia, Viégas acredita que determinados aspectos que freqüentemente se apresentam sob forma de detalhe, “se organizados e interpretados, apresentam grande significação” (2007:119). De acordo com Michelat (1980:203), “isso não quer dizer que esses detalhes podem ser considerados isoladamente, como tendo uma significação fora de qualquer contexto, como uma ‘chave dos sonhos’”. Antes, todos os elementos que compõem a acervo de dados levantados durante a investigação, ao serem compilados, discutidos e analisados, podem ser considerados “a anatomia” do trabalho, desde que tudo tem uma função e tudo se inter relaciona numa ordem sistêmica.

### 2.5.1 - Microanálise Etnográfica

No estágio em que se encontra nossa pesquisa estamos enfrentando alguns impasses, pois precisamos determinar qual procedimento metodológico será utilizado para a análise e interpretação dos dados. Nesse sentido, encontramos na “microanálise etnográfica” uma possibilidade. Sendo assim, buscamos em Mattos (2001) as bases teóricas necessárias. Para essa autora, a microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia frequentemente utilizado nos estudos sobre educação e linguagem, e é recorrente seu uso em estudos sobre sociolinguística, análise de contexto, análise de discurso, análise da conversação, etc., aplicados ao contexto

educacional. Segundo Lutz *Apud*, Mattos (2001:5), “é considerada como micro porque enfatiza particularmente um evento ou parte dele, ao mesmo tempo em que se dá ênfase ao estudo das relações sociais em grupo como um todo, holisticamente”.

De acordo com Mattos (Ibidem), em microanálise, ao mesmo tempo em que a ênfase recai sobre o significado das formas de envolvimento das pessoas como agentes/atores, exige-se do pesquisador um detalhamento criterioso na descrição do comportamento através da transcrição linguística verbal e não-verbal de comportamento, por exemplo, olhares, pausas, tom de voz, etc., isto é, detalhes da interação e o que isto significa (ERICKSON 1982 E 1992, KENDON,1977) (*APUD*, MATTOS, 2001). Sendo assim, enfatiza-se o significado da interação como um todo; a relação entre a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais, por exemplo: cultura da sala de aula, da escola, das escolas em geral.

Nesse sentido, e ainda pensando junto com Mattos, depreendemos que o pesquisador, utilizando-se de uma teoria crítica de análise aliada à abordagem etnográfica, procura identificar o significado nas relações sociais de classe, etnia, linguagem, bem como a cena imediata onde estas relações se manifestam. “A microanálise etnográfica leva em

consideração não somente a comunicação ou interação imediata da cena, como também a relação entre esta interação e o contexto social maior, a sociedade onde este contexto se insere” (MATTOS, 2001:5).

Para a autora, na microanálise etnográfica se procede assim quando se estuda o professor na sala de aula. Observa-se, por um longo período de tempo, uma escola, uma sala de aula, um professor, para depois particularizar um processo interacional ou um fato que se considere microanaliticamente relevante. Isto é, destaca-se um fato que numa micro-dimensão representa o todo do processo estudado. Sendo assim, após um intensivo trabalho de observação, como este que desenvolvemos nas escolas *Mãtyk* e *Tekator*, o desafio do pesquisador é tentar organizar todos os dados como num quebra-cabeça. Partindo do contexto maior, olhando a comunidade como um todo, até poder destacar uma particularidade generalizável deste contexto que possa ser estudada microanaliticamente. Eis aqui o nosso maior desafio.

### Considerações Finais

Neste artigo delineamos os passos metodológicos que norteiam nossa pesquisa em direção a compreender a ação e as práticas pedagógicas de professores das escolas *Mãtyk* e *Tekator* das aldeias Apinajé São José e Mariazinha, que atuam nos anos iniciais do

Ensino Fundamental, nomeadamente no que se refere ao bilinguismo. Discorremos sobre a pesquisa etnográfica, suas fases, procedimentos e técnicas, elegendo a observação participante como um dos procedimentos vitais da etnografia no contexto escolar Apinajé. Nessa mesma direção, agrupamos a entrevista semidirigida enquanto técnica que promove a interação e a microanálise etnográfica como aporte facilitador no momento da análise e interpretação dos dados.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento e ser um trabalho que envolve a ação participante de seus atores, bem como uma pesquisa qualitativa e etnográfica com todas suas conotações subjetivas, o que neste texto foi delineado não é nada pronto nem acabado. Antes, outras informações podem ser incorporadas e/ou subtraídas. Mas se houverem mudanças, não interferirão no modelo da pesquisa. Sua essência permanecerá. Ou então, tudo pode ficar como está. Esta é uma dinâmica de trabalhos etnográficos como este que desenvolvemos no contexto escolar Apinajé.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contato dos Apinajé de Riachinho e Bonito Com o Português: Aspectos Da Situação Sociolinguística**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, sob

orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Silvia Lucia Bigonjal Braggio. Goiânia: 1999.

\_\_\_\_\_. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinajé.** Tese apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade

Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos

Linguísticos. Área de Concentração: Estudos da Linguagem. Subárea: Estudos Linguísticos. Niterói: 2007.

ALMEIDA, Severina Alves de. MOREIRA, Eliana Henriques. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica CNPQ/UFT “**Educação, Cultura, Infância e Ludicidade Um Estudo da Cultura Apinajé**”, desenvolvido entre agosto de 2008 e julho de 2009 Publicado nos anais do V Seminário de Iniciação Científica UFT Palmas: 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. **Etnografia da prática escolar.** São Paulo: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Etnografia da prática escolar.** 11<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Cortez, 1982.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** (CRFB/88). Versão on-line. Disponível: [www.senadofederal.org.br](http://www.senadofederal.org.br). Acesso dia 03 de abril de 2009.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 26, de 04 de fevereiro de 1991** – Transfere a atribuição de oferta da educação escolar em escolas indígenas para secretarias estaduais... Brasília: MEC, 1991.

\_\_\_\_\_. **PDE - Plano Nacional de Educação.** Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.** São Paulo: SINPRO, 1996.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena.** Brasília: MEC/SEF, 2002.

CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. **Etnografia e educação: caminhos que se entrecruzam.** Fortaleza: UEC, 2009.

DA MATTA, Roberto. **Um mundo dividido a estrutura social dos índios Apinajé.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

FERREIRA, Eduardo Sebastiani. **Etnomatemática uma proposta metodológica.** Rio de Janeiro: MEM / USU, 1997.

FILHO, José Camilo dos Santos e GAMBOA, Silvio Sánchez (Org). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez, 2009.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso.** Trabalho apresentado no GT “Educação e Sociedade” na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set, 1998. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/>. Acesso em: 22 mai 2010.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Ed.Vozes, 1997.

GATTI, Bernardete A. **Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no país.** Cadernos de Pesquisa, n.113, p. 65-81, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

LABURTHE-TOIRA, Phillippe e WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia – Antropologia**. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LAPLATINI, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001

MICHELAT, G. Sobre a Utilização da Entrevista Não-Diretiva em Sociologia. In Thiollent, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. Ed. Polis, 1980.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. 2ª edição. São Paulo: TRIOM, 2008.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Apinajé. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1983.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

PROJETO DE PESQUISA DO MESTRADO: **“Interculturalidade e Educação Escolar Apinajé: uma experiência bilíngue nas escolas das aldeias São José e Mariazinha”**, a partir do qual será escrita a nossa Dissertação.

PROJETO DE PESQUISA **“Projeto de Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural do Programa do Observatório de Educação Indígena/CAPEs”**, sob coordenação de nosso orientador Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

VIÉGAS, Lygia de Sousa. **Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em psicologia e educação**. Revista Diálogos possíveis: revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n. 1 (jan./jun.2007). Salvador: FSBA, 2007. p. 102-123. Disponível em <http://www.faculdadesocial.edu.br/> . Acesso dia 13 jun 2010.

ZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. 2ª Ed. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.